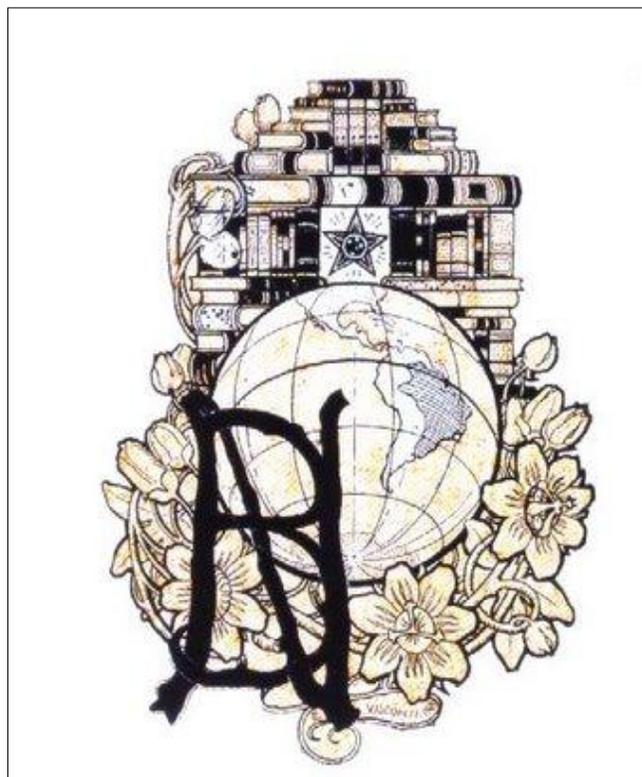


# Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa  
2013

Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC



**JULIA TOMASINI**

**LITERATURA BRASILEIRA EM ESPANHOL:  
NOVOS CAMINHOS DA TRADUÇÃO**

**2013**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>1. UMA APROXIMAÇÃO DO FENÔMENO LITEÁRIO CONTEMPORÂNEO.....</b>	<b>8</b>
1.1. Estudar o contemporâneo.....	8
1.2. A vez da literatura e da crítica brasileiras contemporâneas?.....	9
<b>2. ROTEIROS DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA.....</b>	<b>13</b>
2.1. Uma literatura em trânsito.....	13
2.2. O Brasil no mundo.....	18
2.3. Literatura brasileira em espanhol: uma literatura singularmente estrangeira.....	22
2.4. As tarefas do tradutor.....	26
<b>3. FORMAS DE CIRCULAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA.....</b>	<b>31</b>
3.1. Rumo ao digital?.....	31
3.2. A experiência de <i>Papeles sueltos</i> .....	32
3.3. Pelas “galerias” da literatura brasileira.....	33
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

A literatura brasileira tem os seus leitores hispano-americanos? É possível que os tenha? Como? Essas são as primeiras perguntas que guiaram o trabalho que apresento aqui. Mas minhas respostas se encontram a meio caminho entre os dados, os conceitos e as práticas. A abordagem crítica da problemática da literatura contemporânea brasileira e sua recepção nos países hispano-falantes (embora meu foco de interesse seja sobretudo a Argentina) é através de um “fazer”. Desde o começo, meu projeto de pesquisa para a Bolsa PNAP da Fundação Biblioteca Nacional foi pensado como uma aposta prática: trabalhar a questão da circulação da literatura brasileira, da sua tradução, dentro de uma prática da tradução, de uma prática da circulação. O presente texto foi tecido ao mesmo tempo que a revista *Galeria N°1*, revista eletrônica que idealizei e diagramei ao longo dos seis meses da bolsa. O texto acadêmico complementa a revista, e vice-versa: um foi aportando ideais ao outro.

O marco teórico e crítico da pesquisa me levou a pensar uma publicação que fosse original e que pudesse atingir alguns dos objetivos que me trouxeram ao Rio de Janeiro. Teria sido impossível, ou pelo menos improdutivo, para mim, tradutora literária do português, pensar a questão da tradução da literatura contemporânea sem trabalhar com as minhas próprias mãos naquilo, e enquanto fazia os rascunhos, as leituras, a seleção de textos da revista, as ideias iam me levando para a escrita deste artigo, que funciona como o suporte de pesquisa e teórico da revista: é o relato dos conceitos, ideias e debates que se travam no interior da publicação, embora não explícitos nela.

O que me interessa neste artigo é apresentar algumas questões específicas sobre a tradução da literatura brasileira para o espanhol neste século que começou há pouco mais de uma década. O papel das editoras, dos agentes literários, e sobretudo dos tradutores. A figura do tradutor será essencial no meu estudo para entender o momento atual da literatura brasileira em países de língua espanhola e as possibilidades de atingir um público leitor maior, assim como as dificuldades na hora de publicar e divulgar esta literatura.

Para este trabalho, além da leitura de textos críticos e teóricos sobre tradução e literatura brasileira, entrevistei editores argentinos para conhecer seus projetos, sua história, seus interesses,

seu conhecimento dos programas da FBN e sua visão da produção literária brasileira. Fiz um questionário para tradutores de literatura brasileira para o espanhol de modo a saber sobre as considerações que eles tinham acerca do seu trabalho, e conversei com escritores brasileiros para saber sua opinião sobre o fato de serem traduzidos para o espanhol, sua relação com a língua e o atual momento da literatura. Também participei da FERIA del Libro de Buenos Aires, mediando a mesa com a escritora Paula Fábrio e a argentina Gabriela Cabezón Cámara em um diálogo muito interessante, parte do projeto da Biblioteca Mário de Andrade na sua importante participação na feira portenha.

A presença da literatura brasileira nos países hispano-falantes é cada vez mais visível, embora não de uma forma expressiva dentro das publicações estrangeiras e nacionais. Há muitos pesquisadores, editores e tradutores trabalhando na Espanha, México e Argentina, entre outros, com as várias editoras que se abriram há poucos anos a publicar literatura brasileira. Mas ainda não há no leitor uma apreciação, uma consideração particular sobre essa literatura.

Em primeiro lugar, embora não deterei nessa questão, há o problema de definir “literatura brasileira” e definir “América Hispânica”. Não podemos senão falar em várias literaturas brasileiras e várias formas de recepção destas literaturas em espanhol<sup>1</sup>. Seria impossível e, além do mais, indesejável dar conta da enorme produção das “literaturas” (poderíamos usar o plural) brasileiras e da tradução aos diferentes “espanhóis” que se falam nas Américas e na península Ibérica. A trama editorial entre os países hispano-americanos é muito complexa e há que se ter o cuidado de separar finamente os campos da pesquisa: neste caso, pesquisei principalmente editoras argentinas e tradutores do mesmo país, com alguns casos, claro, provenientes de outros países, sobretudo México e Espanha, os outros dois grandes centros de tradução de literatura brasileira.

Na primeira década do século XXI já foram publicados quase **200 títulos** de literatura brasileira em espanhol. E no obstante Clarice Lispector, Jorge Amado e Rubem Fonseca continuam sendo os referentes mais conhecidos da literatura brasileira, há escritores que já começaram a ser publicados em projetos editoriais consistentes e contínuos, como é o caso de

---

<sup>1</sup> Como exemplo, posso citar a lista de convidados brasileiros para a 40ª FERIA Internacional del Libro de Buenos Aires: só os escritores da cidade de São Paulo já apresentavam diferenças notáveis em relação com as estéticas, público leitor, *performances* e sua inscrição no circuito intelectual e comercial. Escritores radicalmente diferentes como Ricardo Lísias, Marcelino Freire, Binho, Sérgio Vaz, Paula Fábrio, etc. fizeram parte da comitiva.

João Guimarães Rosa e João Gilberto Noll, pela editora Adriana Hidalgo; ou Bernardo Carvalho e Adriana Lisboa, por Edhasa, e Luiz Ruffato pela mexicana Elephas.

Os escritores brasileiros também viajaram para diferentes feiras internacionais, participaram de debates, e entraram em contato com escritores de língua espanhola (e talvez a Feira de Guadalajara nos últimos anos tenha sido responsável de encontros e diálogos). Não quero deixar de mencionar aqui que tanto as publicações quanto as viagens dos escritores devem-se em grande parte à ajuda do Programa de Apoio à Tradução da Fundação Biblioteca Nacional e das gestões dos funcionários de Itamaraty, tanto de diplomatas quanto de funcionários locais.

Nos últimos anos, talvez devido às alterações nas políticas e economia brasileiras, teve lugar uma mudança respeito da visão do Brasil no resto do mundo, ao mesmo tempo que uma maior expectativa e interrogantes sobre o que provinha deste país. Se essa demanda foi ou não satisfeita, ainda não podemos afirmar. Mas sabemos que para os países de língua espanhola no lugar do Brasil sempre houve uma pergunta: por que, sendo tão próximos geográfica e culturalmente, não conhecemos mais da literatura e cultura brasileiras?

Por que se insiste nesta pergunta? De onde vem essa ideia de desconhecimento de longa data? Por que os pesquisadores, editores, leitores voltam sempre à ideia de que não nos conhecemos, afirmando que seria importante traduzir mais e promover mais aproximações?

No brilhante e necessário livro de Gustavo Sorá, *Traducir el Brasil*, o antropólogo arrisca fortes e interessantes hipóteses: a sensação do “desconhecimento” do Brasil por parte da Argentina faria parte da história de uma “ideia” que atravessa o século XX. A ideia consistia (consiste ainda) em que não era suficiente o que tinha sido feito para a divulgação da cultura brasileira no nosso país, em que ainda não se conhecia realmente o que tinha o Brasil. Esta ideia foi capaz de promover grandes esforços em prol da tradução, mas ao mesmo tempo e pela intensidade da sua força, acabou invisibilizando a nada desprezível quantidade de literatura brasileira traduzida. Sorá nos traz um dado fundamental: a Argentina foi “casi en igual grado que París, el lugar donde más se tradujo y editó a autores brasileños.” (SORÁ, 2003). Ele descobre ao longo da sua pesquisa um número muito importante de traduções que não conseguiram mudar a ideia primeira de que a Argentina não traduzia o suficiente. Pois, embora tenha se publicado muito, a literatura brasileira pareceria não sair do espaço da pergunta e da reclamação pela falta. Pergunta e reclamação que até hoje ouvimos e lemos nos mais diferentes expoentes da cultura.

Segundo as palavras do antropólogo, existe uma “paradoja sobre la materialidad de los hechos y su invisibilidad simbólica (idem, 49).

Os brasileiros costumam dizer que o português, como língua periférica, é a causa do desconhecimento mundial da sua literatura. Em aberta e óbvia derrota contra o espanhol, o português seria para o resto do mundo uma língua isolada e constantemente confundida com o espanhol (o que levanta certas polêmicas e desconfianças internas entre os falantes dessas duas línguas<sup>2</sup>). Mas, como pensar o português em relação com o espanhol *dentro* da América Latina? Uma das hipóteses entre as mais interessantes levantadas pelo livro de Sorá consiste em entender que a relação Brasil-Argentina se dá triangularmente com os países “centrais”; dessa forma, estes países “parecem negar sus relaciones culturales en virtud del privilegio de su reconocimiento en los países centrales, especialmente en Europa occidental.” (idem, 24). A relação entre os dois países não se dá em forma direta e acabam se olhando com desconfiança perante a competição pelo mesmo espaço. Mas o que acontece quando pensamos as relações entre nós(otros)? É possível pensar o espanhol e o português além da nossa relação com o inglês ou o francês (e o mercado)?

Uma série de agentes é necessária para que existam traduções, pois, para trazer por última vez ao antropólogo, “no hay nada en un texto que anticipe su traducción” (idem, 26). E os tradutores têm um papel importantíssimo no fortalecimento dessa relação. Há também os pesquisadores, editores e os desenvolvedores de pequenos, embora importantes, projetos de edição como revistas, *sites*, etc. É o trabalho contínuo, insistente e tenaz deles que fará possível uma maior circulação da literatura brasileira no exterior. Porém, está nas mãos de organismos maiores, públicos ou privados, a possibilidade de dar para eles uma estrutura e apoio e propulsar políticas contínuas, a longo prazo, inteligentes e de boa qualidade (e, sobretudo, pacientes) para que o panorama da literatura brasileira em espanhol possa ser cada vez menos substituído por uma pergunta.

De todas formas, somos nós que podemos já começar a rejeitar aquelas perguntas sobre o porquê do desconhecimento (nas pesquisas, nas publicações, nas resenhas, etc.) para começar a fazer outras, para continuar o que já foi feito. Não para reclamar o que ainda não há ou o que não

---

<sup>2</sup> É muito interessante, neste sentido, observar como os falantes de espanhol e de português convivem nos Estados Unidos. Há um trabalho muito interessante ao respeito, de Luciano Tosta: “The Hispanic and Luso-Brazilian World: Latino, eu? The paradoxical Interplay of Identity in Brazuca Literature”. Estas diferenças são trabalhadas no romance *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa, sobre o qual me deterei mais adiante. [FALTA ALINHAMENTO DE COLUNA AQUI]

foi feito da maneira que se deveria: nosso trabalho é tomar um caminho que se afirme, abrindo novos, e conectando-os com os já abertos. Galerias.

Entender o momento atual (da literatura brasileira, da possibilidade de publicá-la em espanhol e promover diálogos com a literatura argentina, entre outras coisas) é fundamental para que possamos continuar e fazer projetos, alguns dos quais eu apresento neste texto, e espero que sejam viáveis, interessantes, contínuos e, sobretudo, criativos.

## **1. UMA APROXIMAÇÃO DO FENÔMENO LITERÁRIO CONTEMPORÂNEO**

### **1.1 O que é o contemporâneo**

Impõe-se, então, para “entender o momento atual” o grande problema de abordar –e *trabalhar* com– o contemporâneo. Como já celebrenemente o filósofo italiano Giorgio Agamben disse a respeito da “contemporaneidade”, trata-se de um jogo de luzes e sombras. Trabalhar com o contemporâneo é pesquisar nas sombras, na escuridão da época, mas também no incerto. Trata-se, para o filósofo, de ter um certo “olhar” sensível, e antes de mais nada de ter “coragem” (AGAMBEN, 2009). É, também, trabalhar sem a ajuda do tempo, sem um arquivo: o pesquisador mergulha na contemporaneidade sabendo de antemão que pode se afogar, ou, para continuar a metáfora de Agamben, ficar cego pelas luzes ou pela escuridão. É um território perigoso que precisa de uma imprescindível paixão pelo incerto, pelo indefinido, pelo risco. E disso, os tradutores sabem melhor que ninguém: no seu território não se trabalha com certezas senão com aproximações, com variações, com versões.

É cedo demais para reflexionar sobre a literatura contemporânea brasileira? E sobre a tradução dessa literatura... não será extremamente cedo?

### **1.2 A vez da literatura e da crítica brasileiras contemporâneas?**

Mas avancemos, com coragem e criatividade, por esse território. Porque há muito para refletir, para construir. Um fenômeno interessante pode ser percebido na literatura e nos estudos literários brasileiros do século XXI. Novos autores (alguns deles muito jovens) e com estéticas

muito diferentes têm tomado conta das livrarias e das preocupações dos críticos. Dos “porno-fantasmas” de Santiago Nazarian à brevidade sensível e iluminada da prosa de João Anzanello Carrascoza, do realismo quase cruel das relações amorosas nos romances de Carola Saavedra ao absurdo (muitas vezes também cruel) de Verônica Stigger, a produção literária atual mostra múltiplas estéticas, temas, abordagens. Como afirma a crítica Beatriz Resende, são estéticas que “parecem mesmo se contradizer, opor a cada tese uma antítese”, para em seguida advertir: há a multiplicidade “própria da arte contemporânea, radicalmente pluralista.” (RESENDE, 2013). O crítico e escritor Flávio Carneiro concorda: “O traço marcante da prosa brasileira deste início de milênio, num processo deflagrado nos anos 80 e intensificado nos 90, é o da convivência pacífica dos mais diversos estilos [...] Parece haver lugar para todas as experimentações” (CARNEIRO, 2005).

Cada mês, as prateleiras das livrarias brasileiras introduzem novos livros de autores locais e há cada vez mais publicações, festivais literários e palestras de escritores. Seria impossível dar conta da produção contemporânea, não seria viável, tal a quantidade. O cenário atual é realmente animador em relação à quantidade mas também à qualidade do que se publica. E um dos índices dessa enorme atividade, desse fenômeno de produtividade e de pluralidade na literatura brasileira é que está sendo acompanhado pela crítica literária: literatura e crítica contemporâneas dialogam e se pensam umas as outras. E isso é inédito.

Se uma das características das novas produções é a multiplicidade, múltiplos também são os livros de crítica que tratam sobre ela: nos últimos dez anos, foram publicados importantes e instigantes livros de crítica de literatura contemporânea, por críticos vindos de diferentes centros universitários do país: Beatriz Resende, da UFRJ, autora de *Contemporâneos* (2008) e organizadora de *Possibilidades da escrita no Brasil* (2013); Karl Eric Schollhammer, da PUC Rio, autor de *Ficção brasileira contemporânea* (2010) e organizador de *Cenários contemporâneos da escrita* (2014); Flávio Carneiro, da UERJ, autor de *No país do presente, ficção brasileira no início do século XXI* (2005); João César de Castro Rocha, professor da UERJ, publicou *Exercícios críticos: leituras do contemporâneo* (2008); Regina Dalcastagnè, da UNB, *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2013); Paloma Vidal, da

UNIFESP, *O futuro pelo retrovisor* (2013); Diana Klinger, da UFRJ, autora de *Escritas de si, escritas do outro* (2012), só para listar os mais importantes na área só no Brasil<sup>3</sup>.

A enorme e nova produção literária dos últimos anos encontrou no âmbito acadêmico um inusitado e um sério e real interesse por pensar a literatura contemporânea atual não para compará-la com uma tradição ou um cânone estabelecido, senão para pensá-la *dentro* da tradição e, ao mesmo tempo, repensando a tradição literária brasileira e a crítica acadêmica. É um momento em que a crítica está fazendo um esforço por pensar o contemporâneo ultrapassando as dificuldades clássicas, os preconceitos mais comuns da crítica na abordagem da literatura contemporânea, enquanto está se perguntando sobre o mesmo “fazer” da crítica.

É importante adicionar à bibliografia, o livro *Crítica literária contemporânea* (2103), organizado por Alan Flávio Viola e *O contemporâneo na crítica literária* organizado por Susana Scramim, do ano 2012. Ambos os livros se propõem refletir sobre a produção crítica dos últimos anos visando pensar as mudanças que houve na forma de pensar a crítica: “repensar a tarefas da crítica ante as demandas da arte e da sociedade contemporâneas é uma questão intelectual que necessita ser respondida” (SCRAMIM, 2012).

Neste sentido, são muito interessantes trabalhos como o de João César de Castro Rocha, que chama a uma redefinição do papel do crítico literário. Perante a perda da centralidade no mundo contemporâneo da cultura humanista e a relevância dos novos meios audiovisuais, o autor afirma que:

Cada vez mais se trata de exercitar o que gostaria de denominar *esquizofrenia produtiva*, ou seja, o desafio do intelectual contemporâneo é tornar-se bilíngue em seu próprio idioma, por assim dizer. O professor universitário que exerça a *esquizofrenia produtiva* deverá aprender a dialogar tanto com seus pares –na linguagem altamente especializada, pois definidora da produção de conhecimento que ocorre na universidade– empregando uma linguagem deliberadamente mais acessível, embora sem perder jamais o sentido crítico de suas intervenções. (CASTRO ROCHA, 2008)

---

<sup>3</sup> Sem contar os trabalhos de brasileiros na academia norte-americana, como os dos professores Leila Lehnen Lúcia Sá, Pedro Meira Monteiro, etc.

O crítico traz aqui algumas questões importantes em relação à contemporaneidade: como se escreve sobre literatura hoje? Como se escreve sobre a literatura de hoje?

Os críticos contemporâneos do contemporâneo precisam tomar distância do presente. Nesse sentido, é interessante o trabalho feito pelas organizadoras do livro *O futuro pelo retrovisor*, Stefania Chiarelli, Giovana Dealtry e Paloma Vidal, no qual abordam a literatura contemporânea em sua conexão/desconexão com a genealogia da literatura brasileira e também desde uma posição “deslocada” do presente. A literatura contemporânea não seria abordada só a partir do fato de ser publicada recentemente ou a partir de sua relação com o passado, porque “é na superposição de temporalidades, numa tensão entre presente, passado e futuro que se constitui a literatura atual” (idem, 7). Assim, encontraríamos uma forma produtiva (e não meramente descritiva) para pensar a literatura contemporânea: como uma “superposição” de tempos, e a literatura dialogando com todos eles simultaneamente.

Além dos livros, há as revistas acadêmicas (em papel, ou as cada vez mais comuns eletrônicas) como *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, que dirige desde 1999 a Dra. Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília; ou *Luso-Brazilian Studies*, onde cada vez há mais espaço para a literatura contemporânea.

Por outro lado, também são importantíssimas as revistas literárias eletrônicas, os *sites* e os *blogs* literários, que vêm fazendo um enorme trabalho de circulação tanto de literatura quanto da crítica através de resenhas, entrevistas e trabalhos críticos. Além dos cadernos literários dos grandes jornais, há muitas publicações –e a cada mês se incorporam novas–: à já tradicional *Rascunho*, dirigida pelo escritor Rogério Pereira, soma-se a revista *Pessoa*, dirigida pelo escritor Carlos Schroeder, *Mapa*, *Brasileiros* e *Flaubert*, entre outras. Há também um jornalismo cultural jovem, renovado, como o que pratica Luiz Nadal nos seus *Perfis literários*, ou o blog de resenhas de Camila Kehl. Há também os blogs das editoras como Companhia das Letras onde escritores contemporâneos como Carol Bensimon, Paulo Scott, Luisa Geisler, entre muitos outros, têm um espaço de visibilidade e de diálogo. A circulação da literatura brasileira está muito presente na internet: é, sem lugar a dúvidas, a forma de circulação do contemporâneo.

Não quero deixar de mencionar nessa extensa lista os eventos literários: congressos de literatura contemporânea, feiras e *festas* literárias, palestras, oficinas, ora no Rio, Brasília e São Paulo, mas cada vez mais no Brasil inteiro.

Qualquer pesquisador que quiser se debruçar sobre a literatura contemporânea brasileira vai achar com muita surpresa e prazer (e talvez com um pouco de vertigem) uma enorme quantidade de material: sem dúvidas, há alguma coisa acontecendo no campo literário brasileiro. Talvez o caminho à profissionalização de um campo que parece, para muitos de seus integrantes, ainda pequeno.

É muito importante ver que vários fenômenos estão se dando em forma simultânea: uma curiosidade pelo Brasil fora do país, uma literatura pujante e que quer se fazer ver (e o faz) e uma crítica que a acompanha. Beatriz Resende afirma que “podemos falar, ainda que com bastante cuidado e moderação nos excessos do otimismo, numa nova imagem do Brasil, quando passamos de exóticos ou excluídos para senhores mais seguros de nossa própria fala. O novo contexto que se configura, desse modo, não é apenas político, mas também ético e estético.”(RESENDE, 10)

Neste sentido, é possível ver como o interesse pela literatura contemporânea não se restringe só dentro do Brasil. Outros países, sobretudo a Argentina, estão prestando cada vez mais atenção à literatura brasileira. A relação do Brasil com os outros países de língua espanhola é muito mais entrelaçada, mais rica do que às vezes se supõe. Está tecida com as pequenas e tantas histórias das pessoas que passam e pensam de um país ao outro. Trabalhar com a literatura do presente é uma das formas de trabalhar com as possibilidades de diálogo literário entre os países da América Latina, especialmente entre Brasil e os outros países, diálogo nem sempre possibilitado ou visível.

O mundo acadêmico brasileiro tem também uma relação intensa com o argentino através de críticos e escritores, como os professores e tradutores Gonzalo Aguilar ou Florencia Garramuño, que estão entre os dois espaços, pensando inclusive uma passagem entre literaturas nacionais. Há também a revista *Grumo*, de perfil acadêmico, que reúne críticos como Raúl Antelo (junto com Schwartz talvez uns dos mais importantes e primeiros acadêmicos em transitar essa passagem Argentina-Brasil e em trabalhar profundamente nela).

Mas também há escritores brasileiros naquela passagem entre Argentina e Brasil e que trabalham ficcionalmente este tema como Paloma Vidal, Julián Fuks, ou Carola Saavedra a respeito do Chile (tema que aparece no seu último romance *O inventário das coisas ausentes*), ou aqueles que não o trabalham, mas que têm uma relação familiar como João Paulo Cuenca e Javier Arancibia.

Surge, então, a pergunta: quanto deste material (desta efervescência da literatura contemporânea brasileira) é conhecido nos países de língua espanhola, países que, aliás, fazem fronteira com o Brasil?

É muito cedo por enquanto fazer um trabalho como o de Sorá sobre tradução e recepção na Argentina, por exemplo. Alguma distância é necessária. Pode-se, no entanto, fazer uma sorte de análise prospectiva. Trabalhar com o contemporâneo é no meu projeto, neste texto e na revista, trabalhar com ideias de formas de circulação de literatura brasileira, com as “possibilidades”, e com o tempo passado, presente e sobretudo: futuro. Basicamente, trabalhar com ideias e projetos.

## **2. ROTEIROS DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

### **2.1 Uma literatura em trânsito**

“Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.” O manifesto antropófago dos modernistas continua vivo. Hoje, quase cem anos depois, vemos na literatura brasileira contemporânea roteiros em um duplo itinerário: pelo Brasil e pelo mundo. Quanto deste andar mundo afora não está relacionado com um momento econômico e político brasileiro, além de uma forte política cultural para responder às demandas de um mercado mundial (perante a enorme visibilidade de um país por seu crescimento econômico e ser sede de eventos esportivos) e que começou a pedir para a literatura brasileira um espaço na literatura universal? Avancemos, então, por esse roteiro.

A primeira impressão ao abordar a literatura contemporânea é a de uma literatura que não se define nem quer se definir através de estereótipos brasileiros. Uma literatura que é narrada em outras cidades do mundo ou que atravessa suas cidades menos conhecidas no estrangeiro, como Porto Alegre, Manaus, Goiás, Belém, ou pelos subúrbios das gigantes Rio e São Paulo. Quer dizer, o território da literatura brasileira nada tem a ver com um cartão-postal. Carola Saavedra, João Paulo Cuenca, Paulo Scott, Adriana Lisboa, Bernardo Carvalho, entre muitíssimos outros, apostam em outras paisagens, espaços narrativos às vezes conectados com o Brasil e, às vezes, não.

Em um momento de grande visibilidade do Brasil surge também a pergunta: a fim de contas, o que é esse Brasil literário? Tem a ver com certas estéticas? Com as expectativas do mercado? Existe (como se aquilo fosse possível) um “tema”? Existe uma preocupação específica? Podemos arriscar uma ideia: uma das preocupações que sempre teve a literatura brasileira foi a de tentar entender e definir o que é a literatura brasileira. Os autores atuais não só não fogem dessa preocupação, senão que voltam a ela uma e outra vez. O que escreve um escritor brasileiro? O que é ser um escritor brasileiro?

A literatura brasileira já vinha pensando essas questões desde o século XIX: a contemporânea retoma (embora talvez possamos dizer que nunca deixou) as preocupações que Machado de Assis já tinha sugerido no seu clássico ensaio “Instinto de nacionalidade”, de 1873. Vale a pena lembrar suas palavras: “O que se deve exigir de um escritor antes de tudo é certo sentimento íntimo que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda se trata de assuntos remotos no tempo e no espaço” (MACHADO DE ASSIS, 85). No seu estudo sobre nacionalismo brasileiro, Leyla Perrone-Moisés adverte que Machado, como o escritor argentino Jorge Luis Borges, “não rejeitam a temática nacional, simplesmente ambos rejeitam a obrigação de adotar e reservam o direito de falar de outras coisas” (PERRONE-MOISÉS, 87). Os escritores contemporâneos não só continuam nos seus trabalhos literários a linha aberta por Machado de Assis, como também eles próprios aproveitam os momentos de exposição pública, em feiras literárias, entrevistas internacionais (que o interesse atual pelo Brasil está fazendo surgir), para atacar a ideia de um Brasil feito à imagem estereotipada que o mundo tem dele: samba, futebol, sexo e narcotráfico.

Nesse sentido, pode-se pensar no polêmico e corajoso discurso que o escritor Luiz Ruffato leu para a abertura da Feira de Frankfurt 2013. Nele falou dos problemas de um país periférico e violento como o Brasil, que fala e escreve, em uma língua periférica, sobre seu espaço, sua violência, suas possibilidades, suas mudanças, e o lugar do escritor brasileiro diante desses problemas e futuros que se abrem. Ruffato levantou em seu texto várias questões da realidade social brasileira que, por outro lado, não deixam de apontar à literatura: o Brasil é um país muito mais complexo do que o cartão postal, muito mais injusto e contraditório do que pode ser assimilado através do “imaginário”. Pois a cultura brasileira teve e tem que lidar com a questão do exotismo e o cliché. O interesse dos escritores brasileiros de falar e abrir-se a outras culturas e notável e dá conta de uma literatura que além de procurar outras paisagens está

contestando à ideia de uma literatura só centrada no Brasil e nas supostas “temáticas brasileiras”, fruto de exotizações, e por que não “autoexotizações”, que a literatura contemporânea ainda tem que pagar ao se sentir associada aos clichés da brasilidade.

Há poucos anos, o mercado (mas também a crítica literária) deu preferência para os textos que abordassem a violência urbana. Em entrevista com a crítica Natalia Brizuela para o público norte-americano, o escritor Bernardo Carvalho se enfrenta com a pergunta sobre a sua literatura. Como vários escritores brasileiros atuais, Carvalho é um “escritor viajante”, e seus textos falam de outros países e culturas, como Mongólia, ou Rússia. Quase como um trabalho do “exótico dentro do exótico”, pareceria proibido para um escritor brasileiro não falar da realidade brasileira:

“In Brazil, the old hegemonic cliché of the tropical country, of the beaches, soccer, samba, and mulattas is being substituted by a new hegemonic cliché: that of the drug trade and police corruption. The *malandro*, who until recent decades was considered a mythical hero according to the Brazilian self-image, has been substituted by the drug dealer and the cop. All of these things exist, they are at the center of Brazilian society, but literature should not be reduced to a univocal representation. If in the past I didn’t write about soccer, samba, and mulattas, why must I write now about drug wars, cops and gangsters?” (CARVALHO, 2008)

Podemos ler uma vontade muito própria de achar temáticas pessoais, interesses além do que deveria ser uma literatura nacional, e experimentar com as formas de narrar. Se alguma coisa podemos dizer da produtividade da nova literatura é que ela veio a dizer que não existe um tema brasileiro, que não só está contra esse tipo de estereótipos senão que quer estar além deles. Que a aposta narrativa, tanto formal quanto temática vai além desse tipo de categorias; uma delas a de “escritor brasileiro” e ter que dar explicações sobre se a própria literatura é brasileira ou não. Tenta se despir da preocupação pela descrição do Brasil e da identidade brasileira como um conceito fixo, e a trabalha mais bem como uma construção que muda, e à qual a literatura quer abrir a experiências transnacionais.

As escritas de Adriana Lisboa (quem nos seus últimos romances percorre Japão, Estados Unidos e Vietnã), e de outros escritores contemporâneos, como o mencionado Carvalho (autor de *Mongólia* e *O filho da mãe*, que tem lugar na Ásia e Rússia), mas também João Paulo Cuenca

(com seu *O único final feliz para uma história de amor é um acidente*, que tem lugar no Japão), Paloma Vidal (cujos romances e contos se passam entre o Brasil, a Argentina e os Estados Unidos) e Carola Saavedra (cujo *Paisagem com dromedário* não dá especificações do lugar, e seu último romance, *O inventário das coisas ausentes*, transita entre Chile e o Brasil), dentre outros, ficcionalizam e refletem sobre práticas “transnacionais”. Como afirma o teórico Steven Vertovec, “despite great distances and notwithstanding the presence of international borders (and all the laws, regulations and national narratives they represent), certain kinds of relationships have been globally intensified” (VERTOVEC, 13). Nesse sentido, todos estes projetos se articulam dentro das práticas do transnacional, em escritas que pensam as relações, os “links functioning across nation-states” (idem, 3), segundo a forma na que Vertovec define o transnacional. Trata-se de transitar outras formas de pensar o par “literatura” e o “nacional”, como nos textos destes escritores, onde se desafia o conceito de “identidade nacional” através da construção de vínculos sobre a base de encontros, exílios, viagens, muitas vezes sem definir, sem planejar. Por exemplo, a literatura de Lisboa parece ser muitas vezes a tentativa de fazer um equilíbrio do instável: de fronteiras nacionais que não são fixas e que não fixam uma única forma de se vincular com o mundo e com as pessoas. “Pertencer” na literatura de Lisboa é uma ideia muito mais abrangente, não reduzida a um país, tal como o vive Vanja, a protagonista de *Azul-corvo*, uma brasileira órfã de mãe que vai morar nos Estados Unidos. A *brasilidade* deixa de ser um bloco de características absolutamente definidas. Abre-se e articula-se em relação a outras línguas e culturas.

Um projeto interessante neste sentido é “Amores Expressos”, da editora Companhia das Letras, ideado e produzido pelo diretor Rodrigo Teixeira, com a coordenação de João Paulo Cuenca, que levou dezesseis escritores brasileiros a diferentes cidades do mundo para escrever uma história de amor que tivesse lugar na cidade para onde foi enviado. O resultado foi uma grande quantidade de romances publicados que já não tem como cenário principal o Brasil<sup>4</sup>. Se bem não se tratou de um projeto pessoal de um autor específico, já está mostrando um interesse não só pela representação do mundo afora, bem como dos laços que o Brasil gera com outras realidades, pois na maioria dos romances os protagonistas são brasileiros, seja em trânsito, imigrantes, viajantes, etc.

---

<sup>4</sup> Escritores como Luiz Ruffato, Bernardo Carvalho, a própria Adriana Lisboa, Joca Reiners Terron, etc, participaram. A maioria já publicou o livro para a coleção, como o citado romance de Cuenca, *Do fundo do poço se vê a lua*, de Terron, *O filho da mãe*, de Carvalho, *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Ruffato.

Talvez valha a pena deter-se na literatura de Adriana Lisboa, cujos últimos romances, *Rakushisha*, *Azul-corvo* e *Hanói* não têm como cenário só o Brasil, e sim outras cidades, outras culturas. Mas ao mesmo tempo a importância que ocupa o Brasil na sua obra nos leva a pensar já em algumas questões que a literatura de Lisboa veio trazer: como falar do Brasil sem centrar o romance no Brasil? Como construir o Brasil através de um olhar um pouco mais longe, mas sem ser estrangeiro totalmente? Lisboa trabalha a partir de um olhar transnacional, isto é, o que poderia se chamar um *olhar conectivo*: a preocupação pelo nacional através do transnacional. Na mesma estrutura do romance, em um deslocamento geográfico e linguístico, mas também literário, está a aposta literária de Lisboa a respeito da literatura e nacionalidade: as fronteiras não são fixas, os espaços estão sempre vinculados, indo e vindo, transformando-se uns a outros, em perpétuo devir. Celina, uma das protagonistas de *Rakushisha*, escreve em seu diário:

A viagem nos ensina algumas coisas. Que a vida é o caminho e não o ponto fixo no espaço. Que nós somos feitos a passagem dos dias e dos meses e dos anos, como escreveu o poeta japonês Matsuo Basho num diário de viagem, e aquilo que possuímos de fato, nosso único bem, é a capacidade de locomoção. É o talento para viajar. (LISBOA, 11)

Mas também a mesma escrita dos romances de Lisboa atravessa línguas: o japonês, o espanhol e o inglês aparecem nos seus romances mais como uma possibilidade de diálogo, como elementos curiosos, do que como elementos estranhos e adversos.

O mesmo podemos ver na literatura de Paloma Vidal, cujos romances retratam a melancolia mas a necessidade das viagens e a melancolia de estar em lugares que não se reconhecem como a casa, a enorme dificuldade de construir uma. No nível linguístico, Vidal também faz esses cruzamentos nos seus textos, como podemos ver no uso do espanhol e o português em *Algum lugar* e *Mar azul*. Sua aposta estética está na mesma ideia de viagem e o “não lugar”. Como adverte o crítico Sérgio de Sá, a literatura de Paloma está “inserida em mapa com território ambíguo” (SÁ, 131)

Escrever sobre o Brasil ou sem o Brasil. Não interessa. O escritor brasileiro é um escritor universal. A literatura brasileira está reclamado com força o seu lugar na literatura mundial. E o faz não só através da escrita senão dos esforços de organismos públicos e privados (fundamentalmente a Fundação Biblioteca Nacional, o Itaú Cultural, Itamaraty) que levam aos

escritores pelo mundo, ora através de bolsas para serem traduzidos para outras línguas, ora apoiando sua presença em festivais, feiras, etc.

Estamos atravessando um momento importante na profissionalização e universalização do escritor brasileiro, um momento em que a literatura brasileira diz o que é ser um escritor que, em português, fala para o mundo.

## 2.2 O Brasil no mundo

É neste espírito de deslocamentos e roteiros onde a tradução encontra uma articulação interessante para ser pensada. Se a literatura brasileira começou a formular no seu próprio interior um trânsito por espaços além das fronteiras do Brasil, o fenômeno não se dá sozinho mas acompanhado por uma maior visibilidade no cenário mundial. “O Brasil quer profissionalizar o circuito da literatura brasileira no mundo, valorizar o trabalho literário, ter uma política de aproximação dos outros países, especialmente dos da América latina”, afirma Rachel Bertol, parte do conselho editorial da *Revista Machado de Assis*. Foi com essa ideia em mente que foi lançada essa peculiar revista, que nasceu em 2012 e se dedica a publicar traduções de diversos autores em inglês, espanhol e alemão. Até o momento, foram publicados seis números, com traduções de contos e trechos de romances, poemas e ensaios. A ideia da revista era aproximar os editores estrangeiros da literatura brasileira com vistas, principalmente, à participação brasileira na Feira de Frankfurt de 2013.

A revista surgiu do trabalho conjunto entre a Fundação Biblioteca Nacional e o projeto “Conexões” do Itaú Cultural, e contaram com a ajuda do Ministério de Relações Exteriores para a difusão. “Foram os mesmos agentes literários, os tradutores e os autores os que acercaram suas propostas – disse Fábio Lima, coordenador do Programa de Apoio à Tradução da FBN – nós não propusemos nem textos nem autores.”

A demanda foi altíssima e selecionaram as traduções levando em conta sua qualidade. A revista é principalmente digital, embora três dos cinco números têm sua versão em papel, para levar para as feiras literárias, pois a revista está pensada como uma ferramenta para os editores. Dessa forma, conseguiram a atenção de “Amazon Crosser”, que já começou a publicar autores brasileiros.

“Mas nunca sabemos sobre os caminhos dos livros”, aponta Bertol. Por isso, para ajudá-los a fazer longos caminhos, a FBN lidera projetos importantíssimos: o Programa de Apoio à Tradução e o Programa de Residência de Tradutores, assim como ajuda na participação brasileira em feiras literárias internacionais, como foi o caso do Salão do Livro de Paris, a Feira de Frankfurt, mas também as latino-americanas de Bogotá (2013) e Guadalajara (2012/13).

O Programa de Apoio à Tradução foi criado em 1991, mas até 2008 não guardava continuidade nem uma memória organizada. Só então foi organizada uma equipe responsável pelo programa. Aberto a todas as línguas, não tem um foco em uma língua específica (como poderia ser o inglês) nem está direcionada a determinados autores. O objetivo foi sempre deixar em aberto para atrair todo tipo de interesses. O Programa tem crescido tanto que tem a permanência necessária para promover políticas constantes e continuadas no tempo. “Há uma aposta pela continuidade”, aponta Lima.

Segundo os últimos dados da FBN, o maior número de traduções apoiadas pelo Programa são em espanhol (169), alemão (82), francês (69), italiano (63) e inglês (56), entre as línguas mais importantes. É interessante se deter no fato de que, em língua espanhola, é a Espanha a que mais subsídios tem pedido, com 87, o dobro do que a Argentina, com 43 (México, com 19, Chile 9, Uruguai 7, Peru 2 e Bolívia e Colômbia só 1, sendo a da Colômbia uma tradução do ano 1991).

Os dados deixam ver algumas questões interessantes. Por um lado, a pujança da Espanha como líder do mercado editorial em língua espanhola (agora ameaçada pela forte crise econômica no país). Por outro, a importância na Argentina das pequenas e medianas editoras, que pedem o subsídio. Parte do fenômeno que começou ao redor dos anos dois mil, o surgimento e crescimento das editoras independentes que se transformaram em editoras medianas (como Adriana Hidalgo e Eterna Cadencia) mostram um grande cuidado na qualidade e apresentação do seu catálogo. Elas são as que mais solicitam as bolsas do programa, as quais são um incentivo importantíssimo para elas. Posto isso, caberia a pergunta: por que há países, como Colômbia, Perú, e os da América central que não pedem subsídios, enquanto a Espanha é a que tem feito mais? A razão pode ser dupla: a primeira, uma inclinação dos agentes literários por vender os direitos na Espanha, que é a porta de entrada dos autores para Europa; a outra, que as representações estrangeiras das agências literárias brasileiras estão na Europa (sobretudo Alemanha e Espanha). É via Europa que, como afirmou Fabián Lebenglik, da editora argentina Adriana Hidalgo, acabam sabendo sobre literatura brasileira, “o que é um absurdo”, reclama ele.

O caminho dos livros acaba sendo muito mais longo para atravessar uma distancia tão curta como a do Brasil com a Argentina.

À margem disso, é importante afirmar que os resultados do programa são visíveis. Estamos em um momento no qual os intercâmbios entre Brasil e Argentina apresentam um bom panorama e uma boa perspectiva futura. Assim, a literatura brasileira está se abrindo um espaço bastante interessante nas mesas das livrarias portenhas, e os escritores começando a circular nas feiras literárias, conformando uma espécie de “novo fenômeno da literatura brasileira no mundo”.

Se bem, como afirma a crítica Beatriz Resende na palestra “O papel transformador da literatura”, do dia 28 de janeiro de 2014, “há um artificialismo do ‘boom’, é louvável o que a FBN está fazendo e sua política de *soft-power*.” Na mesma palestra, o escritor João Paulo Cuenca concordou: “Se não tivesse as bolsas, não existiriam nossas edições no estrangeiro”. Essa opinião é compartilhada pela maioria dos escritores que entrevistei. O mesmo João Paulo Cuenca fez parte de um debate no campo literário que vale a pena trazer aqui porque ilustra de alguma forma algumas das complexidades e contradições do campo literário nacional. A agente literária Luciana Villas-Boas publicou na *Folha de São Paulo*, no dia 23/2/2014 uma longa matéria sobre a “obsessão do autor local pela tradução”, apresentando a hipótese de que o escritor brasileiro devia andar primeiro “sem muletas” no mercado local antes de partir para o internacional. Esta crítica foi respondida quase imediatamente, no mesmo meio, pelo escritor João Paulo Cuenca, em matéria intitulada “O ornitorrinco e a agente literária”, dizendo que o escritor brasileiro escreve “para o mundo”. Seu próprio livro tinha sido publicado em vários países graças às bolsas da FBN. E ele esclarece:

“O mérito é de cada um dos tradutores que se apaixonou pelo livro, normalmente propondo a tradução e antecipando-se a acordos editoriais. É da agência e editores estrangeiros que acreditaram nas excentricidades deste escritor. Mas nada disso seria possível sem o programa de traduções da Fundação Biblioteca Nacional. Sua retomada foi fundamental para a difusão da nossa literatura no exterior nos últimos anos.”

Considero muito importante refletir sobre estas contradições e ataques. A agente literária está esquecendo um dos objetivos do programa e da tradução dos autores brasileiros: a possibilidade de ser lidos cada vez mais no mundo e possibilitar, por um lado, um

reconhecimento e difusão da literatura brasileira e um diálogo mais justo entre culturas. Nesse sentido, a professora Marcia Martins aponta para um fato importante: “Para aumentar a visibilidade da nossa cultura e fugir das representações parciais é preciso, portanto, não só intensificar a tradução e a circulação de nossas obras e autores, como também difundir uma produção literária mais diversificada” (MARTINS, 40)

A divulgação da literatura e cultura brasileiras tem que ser feita, sem lugar a dúvidas e isso não é novidade, em forma continuada, pois ainda não há um interesse consolidado pela literatura brasileira por parte dos editores da América Latina. Existe, sim, “uma curiosidade”, como aponta a agente Marianna Teixeira Soares. Mas é preciso fazer que aquela curiosidade possa virar verdadeiro e contínuo interesse pela produção nacional. Os números do programa indicam que a demanda é menor do que o apoio dado pela FBN. É importante que as editoras saibam do programa (e da literatura brasileira) além das gestões de pessoas específicas.

Para isso, é necessário que o programa continue funcionando da forma que o faz, sem paralisar suas atividades. Em geral, as editoras consultadas para esta pesquisa (Mardulce, Adriana Hidalgo, a mexicana Elephas, Caja Negra, Beatriz Viterbo, a espanhola Kriller71, dentre outras) estavam satisfeitas com o programa e sempre atentas a novos editais. O Programa tem um “papel estratégico –aponta Martins– [que] precisa urgentemente ser ampliado e ter mais continuidade” (idem, 51).

Outro projeto interessante e fundamental para a divulgação da literatura brasileira no exterior é o “Conexões”, do Itaú cultural. Com um site que é constantemente atualizado, visa pesquisar e analisar a tradução e o estudo da literatura brasileira no âmbito internacional. Conta com uma enorme base de dados que “mapeia” os pesquisadores e tradutores de literatura brasileira do mundo todo. “Iniciativas como a do Itaú Cultural – declara Gustavo Sorá em entrevista no mesmo site– são imprescindíveis, quase urgentes, porque podem questionar fortemente os pressupostos nacionais e centrados nos marcos cristalizados para a compreensão da literatura e da cultura nacionais.”

É através da constância nos projetos de publicações e de apoio, de educação, de presença nas feiras, que a literatura brasileira adquirirá maior visibilidade. Mas não haverá uma mudança radical repentina: como todos sabemos, os tempos da literatura são muito lentos. É preciso um trabalho que se projete a longo prazo e que vise mais que publicações avulsas. Um exemplo interessante é o da coleção de literatura brasileira em inglês coordenada pelo professor Castro

Rocha. Trata-se de 10 títulos que serão publicados durante dez anos. Cada autor visitará as principais universidades americanas para apresentá-lo. Um projeto desses, que não visa uma publicação só, senão que se continuará no tempo, sabe que não obterá resultados imediatos. Mas começa já a mudar o panorama com os primeiros títulos.

### **2.3 Literatura brasileira em espanhol: uma literatura singularmente estrangeira**

Roubo o genial advérbio “singularmente” da tese de doutorado da professora da USP Maite Celada (2002). E o faço porque o acho muito preciso para falar da relação cultural e literária e linguística entre Brasil e Argentina. Relação que, por outro lado, começa a ser mais solidamente matéria de pesquisa, com publicações como *Pasiones nacionales*, *Absurdo Brasil*, *Poéticas y políticas del destierro* e, mais recentemente, *Passo da Gunxama*, sem deixar de mencionar a revista sobre arte e literatura *Grumo*.

Há publicações que visam ao intercâmbio como a pioneira *Pontes/puentes*, antologia de poesia brasileira e argentina, compilada por Heloisa Buarque de Hollanda e Teresa Arijón editada pelo Fondo de Cultura Económica e a antologia *Veinte ficciones breves/ Vinte ficções breves* patrocinada pela UNESCO em 2003, ou como a recente coletânea argentina e brasileira: *Cuentos en tránsito/ Contos em trânsito*, que Alfaguara Argentina e Alfaguara Brasil publicaram simultaneamente. Uma aproximação em via de mão dupla. Por fim, a coleção “Outra língua” dirigida por Joca Reiners Terron com o intuito de aproximar do leitor brasileiro literatura latino-americana em espanhol.

Há cada vez mais pesquisadores, escritores, tradutores, editores trabalhando na construção de pontes, com eventos locais na Argentina e América Latina. Em 2012, a Feria del Libro de Guadalajara criou “Destinação Brasil”, uma secção especial da feira para a qual convidaram na sua primeira edição um número de vinte escritores. No ano seguinte, o evento se manteve e o mesmo acontecerá este ano. A 40ª Feria del Libro de Buenos Aires também convidou um grande grupo de escritores brasileiros este ano, pois São Paulo tinha sido a cidade escolhida como convidada especial da feira portenha.

Aparecem matérias em jornais sobre a nova literatura brasileira e entrevistas a escritores brasileiros, editores que falam na imprensa sobre “o boom” do Brasil. Mas, como aponta o editor e escritor Damián Tabarovsky, “la presencia de escritores brasileños traducidos al castellano en Argentina creció notablemente. Pese a eso, aún quedan muchos buenos escritores sin traducir.”

A começos do século XXI, vemos um interesse na publicação de literatura brasileira e uma atenção antes inusitada nos autores. “Quien sienta la curiosidad de acercarse al universo de la literatura brasileña traducida al español, puede hoy encontrarse con un nutrido menú de autores y títulos en constante crecimiento”, afirma Gustavo Valle, jornalista e escritor venezuelano no jornal argentino *Perfil*. “Hoy en día estamos viviendo un auténtico florecimiento de la cultura y especialmente de la literatura brasileña en Argentina”, enfatiza.

Uma das primeiras editoras que vem apostando na literatura brasileira é Corregidor. Editora de reconhecida trajetória na Argentina e dirigida por Manuel Pampín e a sua filha María Fernanda, eles criaram, em 2001, uma coleção inteiramente dedicada à literatura brasileira: “Vereda Brasil”. Com a ideia de ser uma biblioteca mais do que uma coleção, o catálogo inclui, até o momento, 28 títulos. Coordenada pelos professores e tradutores argentinos Gonzalo Aguilar e Florencia Garramuño (UBA) e pela professora brasileira Maria Antonia Pereira (UFMG), a coleção traz em cada livro um prólogo, cronologia, estudos críticos da obra, “um sistema de referências” para o pesquisador e para o público em geral. Clarice Lispector, Ana Cristina César, Silviano Santiago, Machado de Assis, Ferréz... a “biblioteca” é diversa e interessantíssima. Porém, a apresentação material dos livros não é muito cuidada, nem se destaca pelo projeto gráfico, o que lhe resta o potencial que ela tem.

Um exemplo particular é Adriana Hidalgo. Editora criada a começos do século, desde o início foi pensada como uma editora que tivesse um catálogo eclético e ao mesmo tempo cuidado, seletivo. Pouco ou nada sabiam de literatura brasileira contemporânea. Hoje, o catálogo conta com 18 títulos de literatura brasileira, e seu editor, Fabián Lebenglik, reconhece-se hoje como alguém muito interessado na literatura brasileira contemporânea. Para isso, conta com os tradutores para que lhe façam chegar títulos e autores através de *samples* de traduções.

Na editora tiveram sempre uma política editorial forte: publicar autores não em forma isolada senão com a ideia de publicar a obra completa deles. É o que fizeram com João Gilberto Noll. Já publicaram cinco romances dele: *Harmada*, *Lord*, *Bandoleros*, *A cielo abierto*, *Hotel Atlántico*. Esta política deu seus frutos, e hoje Noll é um dos escritores brasileiros mais citados

por acadêmicos e escritores argentinos. O trabalho com a literatura brasileira é de constante aposta e vem de uma reflexão e projeção elaborada: foi só após a boa recepção que teve *Sagarana*, em tradução de Claudia Solans, que eles se embarcaram na travessia de publicar uma nova tradução de *Grande Sertão: Veredas*, feita pelos professores e tradutores Florencia Garramuño e Gonzalo Aguilar.

Adriana Hidalgo é um raro caso de editora mediana que tenta chegar (e chega) à maioria dos países de língua hispana (e seus livros podem se encontrar até no Brasil). Com grande esforço, a editora vende tanto na Espanha como, sobretudo, na América do Sul. Mesmo assim, a circulação das traduções nos países hispano-falantes não é fácil nem possibilitada. Só para dar um exemplo, em conversa na Feira de Guadalajara de 2012 com críticos ou editores mexicanos, eles não sabiam que aquela nova tradução do livro de Guimarães Rosa tinha sido feita havia quase uma década.

Outro caso similar é a editora El cuenco de Plata, dirigida por Edgardo Russo. As escolhas se inclinam mais por clássicos da recepção da literatura brasileira na Argentina, como Clarice Lispector e Rubem Fonseca. Mas esse ano sua proposta ousada é Hilda Hilst, levada da mão das excelentes tradutoras Bárbara Belloc e Teresa Arijón, verdadeiras difusoras da literatura brasileira através das suas recomendações e sua infatigável insistência. Essa insistência as levou à criação de um selo editorial, “Nomadismos”, onde já começaram a publicar textos críticos de Waly Salomão e Ana Cristina César, inéditos até aquele momento em espanhol.

As tradutoras trabalham também com a editora Edhasa, que dirige Gloria Rodrigue, pela qual publicaram Adriana Lisboa, Bernardo Carvalho, Andréa del Fuego e estão por lançar José Luiz Passos. Como Adriana Hidalgo, a editora se propõe “trabalhar” os autores. Por exemplo, tanto Lisboa quanto Carvalho têm mais de um livro publicado ou em vias de publicação.

Outras editoras que fazem um trabalho exemplar com a literatura brasileira são Beatriz Viterbo, que já tem publicado Sérgio Sant’Anna, Milton Hatoum, Caio Fernando Abreu, e, em menor medida, Eterna Cadencia, editora mediana, que publicou dois romances de Ruffato. Por último, Mardulce e Caja Negra são o caso de editoras menores que também cuidam do seu catálogo de maneira excepcional e publicam textos brasileiros graças ao programa.

Como podemos ver, há muitas editoras publicando literatura brasileira, apostando nela. Mas a questão da circulação e a recepção das nossas literaturas é muito mais complexa e mais mediada do que pode parecer a simples vista.

Todas as editoras mencionadas tiveram apoio do Programa de Apoio à Tradução da Fundação Biblioteca Nacional. Os editores concordam que este apoio foi fundamental. Embora muitas obras foram publicadas sem o apoio, a maioria das outras só foi possível através dele. Mas é importante se deter em alguns dados: os casos das publicações que acabo de descrever rapidamente só conseguiram ser feitas depois de muito trabalho por parte, sobretudo, de tradutores que queriam levar a literatura brasileira para o espanhol. No caso da mencionada antologia *Puentes/Pontes*, a organizadora Teresa Arijón conta que não foi fácil achar quem quisesse editá-la, que foi um projeto que demorou muito a concretizar-se. Ela e a tradutora Bárbara Belloc (que traduziram a quatro mãos a Clarice Lispector, Rubem Fonseca, Hilda Hilst e Andréa del Fuego), tiveram que insistir muito com as editoras para aprovarem o seu projeto de traduzir ensaístas brasileiros. Primeiro, impossível deixar de mencionar, há o problema do estereótipo e o “exótico”. Em entrevista com a tradutora Bárbara Belloc, ela afirmava que tristemente “existe uma certa desconfiança por parte dos editores”. Afinal, qual é a “seriedade” que pode ter um ensaio de autor brasileiro? “As pessoas se perguntam sobre a qualidade de um escritor que vem de um país de praias e narcotráfico. A natureza e a violência urbana é a leitura que têm do Brasil inclusive pessoas com muita cultura”, ela lamenta. Porém, elas conseguiram que a editora Manantial publicasse os ensaios de pensamento brasileiro. Mas o caminho não foi fácil; mesmo contando com a possibilidade de um apoio da Fundação Biblioteca Nacional, as editoras recusavam.

Em outros casos, não foram os tradutores que diretamente entraram em contato com as editoras, mas funcionários da Embaixada do Brasil em Buenos Aires. Através deles, os editores souberam dos escritores, das bolsas do Programa e das possibilidades de levar autores para lançamentos, festivais, etc. O trabalho do MRE foi fundamental para uma política de aproximação, edição e difusão da literatura brasileira na Argentina quando, a partir do ano 2006, houve uma política mais intensa por parte do Itamaraty para possibilitar uma ponte entre escritores brasileiros e editores argentinos. Mas o problema radica em que não há continuidade nas gestões, por exemplo, dos adidos culturais das embaixadas. Então, as editoras perdem o contato com a Embaixada, que precisa ter uma política contínua além do trabalho de um adido cultural específico. A criação de uma secção do Setor cultural dedicado só à difusão da literatura, com pessoas que façam de ponte entre os países é fundamental para que as editoras tenham um referente na Argentina.

Em entrevista com editores argentinos, que publicavam ou não literatura brasileira, chegava-se quase sempre à mesma ideia: a literatura argentina (e a escrita em espanhol, em geral) tem um peso tão sólido, tão radical no país, que pareceria não deixar espaço para a brasileira, essa literatura *singularmente estrangeira*. A literatura brasileira é estrangeira mas é mais próxima cultural e linguisticamente do que a americana ou francesa, porém ainda sem o prestígio delas, ou, melhor: sem a tradição de leitura que elas têm na Argentina. Por isso, é importante que a literatura brasileira adquira um prestígio que só é feito com o tempo e com boas edições e traduções. Uma ideia que surgiu nas conversas foi a de mostrar o objeto “livro brasileiro” como uma forma de interessar ao público leitor através da qualidade gráfica das publicações.

#### **2.4 As tarefas do tradutor**

É sabido que quem traduz tem uma experiência de leitura diferente daquela do leitor comum, mas também da crítica. Podemos pensar com o escritor Ricardo Piglia que o tradutor é “el lector extraordinario”, aquele que lê melhor do que todos, inclusive do que o próprio autor. Mas o que sim pode ser dito é que o tradutor é uma figura essencial na literatura, essencial para os escritores, editores, agentes literários e, claro, para os leitores.

O tradutor americano de literatura em língua espanhola e portuguesa, Gregory Rabassa, resume muito bem a relação entre leitura-tradução:

“It is a common notion to say that if a work has 10,000 readers, it becomes 10,000 different books. The translator is only one of these readers and yet he must read the book in such a way that he will be reading the Spanish into English as he goes along, with the result that his reading is also writing.”

O tradutor é uma figura central na circulação da literatura, tanto pela sua qualidade de leitor como de “escritor”. Meu trabalho de pesquisa sobre tradução de literatura brasileira para o espanhol queria, desde o começo, conhecer seus tradutores, saber sobre o trabalho deles e fazê-lo visível dentro do campo da crítica acadêmica e a edição. Em definitiva, dá-lhes um espaço e uma voz, e analisar o que eles (e já não só os editores, críticos ou agentes) têm a dizer sobre seu

próprio trabalho. Múltiplas ideias surgiram das conversas com eles, múltiplas perspectivas. O que é sempre especial e bem-vindo para quem trabalha no campo.

Tomando os dados dos tradutores registrados no “Mapeamento Internacional da Literatura Brasileira” do site Conexões Itáu Cultural; do Index Translatonium, da Unesco; do blog do Centro Internacional do Livro, da FBN; da minha própria pesquisa que comecei no meu blog *Papeles sueltos*, e, por fim, através de recomendações dos mesmos tradutores, cheguei a uma lista de quase **150 tradutores** que publicaram literatura brasileira entre o ano 2000 e 2014 (não incluindo os gêneros ensaio nem literatura infantil). Porém, é possível que ainda a lista seja incompleta, que seja preciso mais tempo para reunir mais dados e mais nomes.

Por outro lado, as fontes de informação não são elas mesmas completas: o Index, por exemplo, só chega até 2009, e contempla quase que só traduções espanholas. Por outro lado, o projeto Conexões também está à procura de mais nomes (um dos campos do questionário para o mapeamento é a indicação de outras pessoas que trabalhem na área da pesquisa e da tradução), pois não é fácil conseguir esses dados. Mesmo assim, a lista é bastante longa e mostra bem o interesse pela publicação de literatura brasileira.

Com claras diferenças entre eles (alguns com projetos literários próprios, ou carreiras mais sólidas, outros com projetos de tradução originais, ou com cargos de professor na universidade ou centros de pesquisa), o importante número está revelando a diversidade de vozes (de leitores e de escritores) que trabalham na difusão da literatura brasileira. Não todos trabalham no mesmo ritmo, nem no mesmo tipo de editoras, nem com autores similares. A pesquisa está no começo e não podemos saber ainda quais dos tradutores fizeram um trabalho mais ocasional, por exemplo.

Como não há outras fontes de informação para saber sobre os tradutores da literatura brasileira em espanhol, este trabalho que apresento aqui quer ajudar nessa pesquisa construindo uma base de dados com os nomes e a nacionalidade dos tradutores (ver **apêndice 1**). É uma primeira aproximação que vale a pena fazer, embora fica para um próximo trabalho de mais longo alcance (e tempo) a análise profunda dos dados (país de origem, relação do país com a literatura brasileira, etc.) e a inclusão da bibliografia completa<sup>5</sup>, assim como ampliar a outros gêneros como a literatura infantil e o ensaio.

---

<sup>5</sup> Embora já tenho informação da maioria dos títulos traduzidos, esta bibliografia não é completa, e só poderia adicioná-la à tabela quando eu tiver a informação devida.

Há tradutores que moram no Brasil, outros que além de tradutores, são músicos, escritores, poetas, fazem vídeos no youtube, têm sites de tradução, ou são professores universitários, ou de português, alguns tem página de Wikipédia e outros são difíceis de achar.

Para saber mais do que nomes listados em uma tabela, fiz um questionário para eles com perguntas sobre seu trabalho e sua bibliografia para, posteriormente, construir uma base de dados com os tradutores, sua bibliografia e suas ideias. Devo a ideia à base de dados de tradutores do Programa de Tradução da UFSC [www.dicionariodetradutores.ufsc.br](http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br). Ali podemos encontrar uma base de tradutores de literatura estrangeira para o português, com uma pequena biografia do tradutor, sua bibliografia e até um trecho da sua obra. Este material que apresento aqui bem poderia constituir-se em uma base de dados similar, que fosse útil tanto para organismos brasileiros interessados na tradução e divulgação da cultura brasileira quanto para os editores, tradutores e leitores de língua espanhola. As respostas do questionário que confeccionei podem ser também resumidas em verbetes sobre cada tradutor. Também, pode ser disponibilizado um quadro de várias entradas: por tradutor, autor, título, ano, editora, país, etc.

Durante os meses da minha pesquisa, tive acesso, infelizmente, só ao 20% dos tradutores da lista. Enviei para eles o questionário, que foi respondido só por um 70% dele, que se mostrou muito receptivo e disposto a responder tantas perguntas. Ainda é preciso mais tempo de pesquisa para receber as respostas e para atingir mais tradutores. Mas é uma primeira parte de um projeto que considero maior e importante para minha pesquisa.

O questionário para os tradutores apresentava perguntas dirigidas a sua biografia, atividade como tradutor especificamente do português, sua relação com a língua, e o trabalho do tradutor além da tradução, quer dizer, como “difusor cultural”. O questionário completo é o seguinte:

1. ¿Cómo te acercaste a la literatura brasileña? ¿Cuáles fueron tus primeros trabajos de traducción literaria?
2. ¿Cuál es, a tu parecer, actualmente el rol del traductor en la circulación de la literatura brasileña en la Argentina (ou México/ Uruguay/ España)?
3. En tu caso, ¿trabajás en la difusión de la cultura brasileña más allá de tu trabajo como traductor/a?

4. a. ¿Qué particularidades –que encontrás interesantes, gratas, complejas– percibís en la traducción portugués-español? ¿Y qué particularidades de la relación cultural Brasil-Argentina/México/ Uruguay/ España tenés en cuenta cuando traducís?
  - b. ¿Qué dificultades (y soluciones) encontrás en la traducción respecto de las distintas variedades del español?
  - c. ¿Tenés en mente un lector argentino/mexicano/uruguayo/español o un lector latinoamericano/español cuando traducís?
  - d. ¿Cuál es tu posición en relación con el español “neutro”? ¿Cómo fue, en este sentido, tu relación con la(s) editorial(es) en la(s) que trabajaste?
5. ¿Participaste de alguna beca de la Fundação Biblioteca Nacional (Programa de Apoyo a la Traducción, Residencia de Traductores, etc.) o de alguna otra iniciativa (pública o privada) brasileña? ¿Cómo fue tu experiencia?
6. ¿Cuáles serían para vos cinco libros de la literatura brasileña (ya traducidos o no) que te gustaría que el lector hispanohablante leyera?
7. ¿Opinás que hace falta más divulgación de la literatura brasileña?  
¿Creés que se traducen/conocen suficientes escritores brasileños en la Argentina?
- Si pensás que no, ¿cuál te parece que es el motivo?
8. Breve biografía (ciudad en la que vivís, formación, actividades que realizás, ¿sos traductor/a de otras lenguas?)
9. Bibliografía (títulos de las traducciones, editorial y año).

Talvez a quantidade de perguntas atrapalhou o envio das respostas. Eu vou enviar para os próximos entrevistados um questionário com menos quantidade de perguntas, resumindo-as e viabilizando assim a devolução e a análise de dados mais abrangentes e expressivos.

Das respostas obtidas, vale a pena notar a diferente abordagem do trabalho pelos tradutores, o que só aumenta meu interesse pela diversidade de opiniões. Muitos fazem o trabalho do “scout” ou de “leitor” de uma editora. Outros, tem sua própria editora, como o poeta argentino Aníbal Cristobo ou as também poetas Bárbara Belloc e Teresa Arijón. Tradutores como Cristian Di Nápoli, Lucía Tennina, Paula Abramo, entre os mais novos, ou Gonzalo Aguilar e Florencia

Garramuño, Walquiria Wey, estão sempre agindo como verdadeiras pontes, na divulgação e circulação da literatura brasileira, além do trabalho linguístico específico que é a tradução.

Há quem se inclina por uma tarefa do tradutor menos relacionada à circulação da literatura, como o tradutor uruguaio Pablo Cardellino Soto, que afirma que “no es una tarea específica del traductor actuar de forma especial en pro de la circulación de la literatura que traduce. Los grandes incentivos a la circulación están más allá de las posibilidades de personas aisladas, especialmente porque aunque el traductor cobre bien por su trabajo las actividades de difusión no suelen ser remuneradas.”

Todos enfatizam a delicada tarefa de traduzir do português: “La proximidad entre las lenguas es siempre un desafío”, aponta Belloc. Em um tom mais descontraído, mas não por isso menos relevante, Aníbal Cristobo comenta: “sobre las dificultades, creo que una de las más importantes y de las que menos se perciben, es esa aparente facilidad para traducir del portugués brasileño, que hace que muchas veces haya gente que ‘se tire a la pileta’ y los resultados dejen bastante que desear.”

Outra pergunta que me parecia muito relevante era a da aproximação à literatura brasileira, pois revela, em muitos casos, o acesso dos hispano-falantes a este tipo de literatura. Foi por obras clássicas do ensino fundamental, como *Meu pé de laranja-lima*, ou os livros de Monteiro Lobato.

Finalmente, queria destacar aqui a importância de contar com uma bio-bibliografia dos tradutores, pois isso permitirá ter uma verdadeira “memória” da tradução da literatura brasileira em espanhol. Assim, faremos visível não só a pessoa que está por trás das traduções senão também que poderemos “ler” a história da tradução desta literatura em espanhol.

### **3. FORMAS DE CIRCULAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA**

#### **3.1 Rumo ao digital?**

A criação e o uso do texto digital e a internet trouxe uma notável “revolução” na leitura e na publicação e circulação do texto impresso. Como o historiador Roger Chartier afirma, “las mutaciones de nuestro presente modifican todo a la vez, los soportes de la escritura, la técnica de su reproducción y diseminación y las maneras de leer. Semejante simultaneidad es inédita en la historia de la humanidad” (CHARTIER, 11). Não poderiam ficar de lado as práticas da tradução e novas formas para sua publicação. Há centos de *sites* e *blogs* de tradução (tanto literária quanto técnica) com traduções, experiências de tradução, dicas para tradutores, cursos, etc.

Vários organismos, mas também projetos individuais, fazem uso dos meios digitais para publicar e fazer circular textos literários ou informação sobre literatura, como resenhas, pesquisas, textos críticos, entrevistas, etc. A FBN, por exemplo, tem canais de divulgação, como facebook, twitter, mailing list, y um blog, direcionado em parte para o público brasileiro e em parte para o estrangeiro. O mencionado projeto Conexões Itaú Cultural aposta com força nos meios digitais (a mesma *Revista Machado de Assis* também).

Há muitos projetos originais de literatura brasileira, como os *Perfis literários*, do jornalista cultural e escritor Luiz Nadal, onde publica entrevistas ficcionalizadas de escritores brasileiros, ou a revista eletrônica *Flaubert*, que só publica contos de escritores contemporâneos e muito novos.

Mas também há projetos na área da tradução da literatura brasileira: o blog da poeta e tradutora Paula Abramo *traicionar es preciso*, a revista eletrônica espanhola *2384*, que publica trimestralmente literatura em espanhol de todas partes do mundo mas com um especial ênfase na literatura brasileira, o projeto *Brazilian Short Stories*, que publica em inglês e em espanhol, e a já mencionada *Revista Machado de Assis*, cujos números completos se encontram na rede.

Não quero deixar de mencionar a revista digital *Traviesa*, de literatura latino-americana, que em maio publicou pela primeira vez autores brasileiros (um intercâmbio entre os escritores Antônio Xerxenesky e Emilio Fraia, traduzidos para o espanhol e o inglês), assim como o site *The Buenos Aires Review*, que ainda este ano publicará uma coletânea de autores brasileiros contemporâneos.

O texto digital é basicamente hipertextual (LANDOW, 2006) é um texto multimídia, fragmentário, manipulável e variável (MANOVITCH, 2002). É um texto que pode ser vinculado a outros textos e outras mídia (como vídeos, som, etc.) no mesmo suporte. Assim, o texto digital permite a inclusão de vários tipos de texto e a conexão entre eles. A publicação digital é sempre

fragmentada, conectada e multimídia, dessa maneira, a experiência de leitura é radicalmente diferente à do papel. Dessa forma, a publicação de tradução expande suas possibilidades: vídeos e músicas podem ser adicionadas, além de poder construir uma verdadeira “rede” da tradução e da literatura brasileira em espanhol e português. Foi pensando nestas possibilidades que desenvolvi o site *Brasil papeles sueltos* no ano 2011, e que trabalhei na minha pesquisa PNAP na criação de uma revista eletrônica de tradução de literatura brasileira.

### 3.2 A experiência de *Brasil Papeles Suelos*

Há três anos que sou editora do site *Papeles Suelos*, de tradução de literatura brasileira contemporânea para o espanhol. O projeto surgiu como parte do meu mestrado na Universidade de Maryland e visava responder certas perguntas que mesclavam a teoria com a prática: Como trabalhar com a tradução, traduzindo? Como experimentar com a tradução em texto digital? E, por fim, como projetar a circulação da literatura brasileira em espanhol em internet? A possibilidade do chamado “*self-publishing*” que a internet permitia me fez pensar em um tipo de circulação da literatura que escaparia das políticas editoriais, dos problemas das fronteiras nacionais e dos mercados editoriais locais em língua espanhola. E constatei que essa circulação não só era possível mas, sim, que seria necessária.

No meu site há traduções de contos ou trechos de romances de autores que eu fui selecionando. Mas além do texto há também links a páginas e blogs de literatura brasileira (como páginas de autores, revistas literárias, etc.). A ideia do site é “conectar” o espanhol com as diferentes páginas de literatura brasileira. A semelhança entre o espanhol e português permite que o site seja uma sorte de “porta de entrada” para a literatura brasileira, onde não tudo está traduzido: pelo contrário, é o acesso a uma língua, a uma cultura.

Também há uma seção do blog sobre as publicações de literatura brasileira em espanhol, com uma lista da literatura que foi publicada entre o ano de 2000 e 2014, que serve como base de dados para pesquisadores e editores, e que menciona os tradutores. Ela foi uma fonte, como já tenho mencionado, da lista de tradutores que apresento neste trabalho.

A ideia do site era, e continua sendo, começar a fazer circular traduções, autores e publicações literárias que não são conhecidas no âmbito hispano-americano e ser assim um

espaço de encontro entre as duas línguas para o leitor geral, o especializado e o editor que tenha curiosidade pela produção nacional.

A resposta tem sido sempre positiva: os tradutores e editores conhecem o trabalho e o consultam. Embora seja preciso divulgar ainda mais em redes sociais e facilitar a navegação, o site alcançou a obter o respeito dos colegas de profissão e dos leitores, convertendo-se em uma referência da tradução publicada na rede de literatura brasileira. A experiência desde o começo foi muito desafiadora, mas quase três anos depois, vejo como cresceu e quanto há ainda por fazer nas conexões entre os que traduzem, os que editam, os que escrevem.

A partir deste primeiro trabalho digital e o que fui analisando sobre recepção e publicação de literatura brasileira, políticas de difusão e tradução neste meses que durou a bolsa, cheguei à ideia final do meu projeto mais ambicioso e criativo: uma revista eletrônica de literatura brasileira.

### 3.3 Pelas “galerias” da literatura brasileira

Com a revista *Galerias*, eu quero abrir agora um caminho paralelo ao blog. Um caminho paralelo também às formas mais clássicas ou institucionais de divulgação de literatura. Mesmo no meio digital, uma revista eletrônica tem uma forma diferente de ser lida do que um blog ou site, pois é mais próxima do formato de publicação em papel: há menos fragmentação (há a sensação de totalidade que tem todo “códex”, quer dizer, toda publicação com a forma do livro), uma leitura que privilegia a leitura linear (embora alguns links apareçam), e a possibilidade de guardar o arquivo para lê-lo sem necessidade de estar conectado à internet<sup>6</sup>.

A revista, como seu nome o indica, está pensada como uma “galeria”. O conceito veio da procura de uma estrutura de informação que não fosse nem central nem hierárquica. A ideia é abrir “galerias” que não pretendam mostrar a literatura brasileira como um todo, nem como uma “vitrine”, nem “mapa”, senão como uma série de galerias que se conectam, galerias subterrâneas, nem sempre visíveis, ou óbvias. Nesse sentido, deve muito à ideia de “rizoma” deleuziana.

Os autores serão “trabalhados” em conexão com outros autores (brasileiros ou não) em conexão com cidades (literárias, geográficas, brasileiras, do mundo), segundo o que os mesmos textos (literários, entrevistas, resenhas) levantem. Os textos estarão dispostos por meio de

---

<sup>6</sup> A revista terá sua versão pdf para ler *online* e para baixar.

conexões que o editor fez mas que será o leitor quem as fará, na verdade. A ideia é que não seja uma acumulação de autores e textos sem conexão mas de material que tenha justamente uma “curadoria”, um olhar, ou, melhor dito, um *escavador* de uma galeria.

Cada número vai abordar só um pequeno número de autores e de temas. A revista não pretende atingir a maior quantidade de autores e traduções senão fazer o trabalho contrário: um trabalho muito específico com certos autores (mas que não deixam de apontar para outros), tentando dar conta do mundo literário deles, publicando na revista o mais interessante que se publicou sobre eles (resenhas, entrevistas, crítica), e em forma bilíngue. Por que poucos autores? Como já mencionei neste trabalho, a circulação da literatura brasileira em espanhol tem tempos lentos, e temos que saber trabalhar com eles.

A revista pretende fazer parte de um trabalho de difusão dos autores já publicados e os que ainda não o foram. Trabalhar com muitos ao mesmo tempo faria o interesse pela leitura mais difícil, dado o desconhecimento do leitor hispano-falante. Porém, se na revista aparecem poucos autores embora apresentados através de matérias, entrevistas, inclusive documentários, é uma melhor forma de despertar o interesse ao dar mais informação sobre o autor.

Mas essas informações estão longe de ser apresentadas em forma tradicional. As galerias não são institucionais mas artísticas. Procuram trabalhar com um autor sempre a partir de um olhar sensível, de uma leitura atenta, de uma abordagem subjetiva e não de listagem, divulgação, ou “venda”. Esse olhar subjetivo e sensível, embora ao mesmo tempo literário, criativo e atento não é outro senão o olhar do tradutor. O conceito da revista está centrado no trabalho do tradutor: é uma publicação principalmente de tradutores sobre literatura brasileira. Com isso quero refletir sobre e mostrar o papel do tradutor no contemporâneo: seu papel de intervenção “aqui e agora”. É pensar a tradução como arte literária e como arte da edição. O tradutor como escritor e como editor, fazendo-se ouvir, contando suas experiências de tradução, dividindo com o leitor sua forma tão única de ler.

A revista é, de alguma maneira, um “caderno” de recortes feitos por um tradutor que conhece bem a obra dos autores publicados na revista: reunirá fragmentos da obra e da crítica espalhados em livros e na internet, e, sem que eles deixem de ser fragmentos, o tradutor vai fazer que dialoguem entre si. Ele vai abrir uma série de galerias (subterrâneas e subjetivas) para que o leitor percorra, e depois possa abrir as próprias através dos recursos digitais (basicamente, links a

vídeos, música e outros textos). Como se fosse o caderno de notas de um tradutor, a revista apresenta “meros recortes”: entrevistas, palavras, resenhas... o universo de um autor.

Quero aproximar o leitor o mais perto possível da experiência da leitura de um tradutor. Dos seus pensamentos, das suas notas, do que lê. As conexões que ele faz. As galerias de sentido que ele constrói.

O que eu pretendo é que o leitor estrangeiro, o editor estrangeiro, que fala espanhol, entre no universo desses autores através dos olhos do tradutor. Será possível fazê-lo? Como será esta experiência? É um começo. Um caminho novo. Um possível.

Assim, é o tradutor o “curador” da revista. No primeiro número, serei eu que farei a curadoria, mas a partir do segundo número eu convidarei a outros tradutores para fazê-la.

Cada número terá uma proposta diferente, dependendo do olhar do tradutor. Mas cada número abrigará diferentes gêneros: prosa, poesia, literatura infantil, crônica. Inclusive a tradução: o Brasil é também um país de grandes tradutores e teóricos da tradução. Como não desejar dialogar com essa cultura literária? Um número da revista será destinado a ensaios sobre tradução, como os de Haroldo de Campos, Ana Cristina César, Paulo Rónai, Paulo Henriques Britto, etc.

Roteiros infinitos. Galerias.

O primeiro número (*Galeria NI*) se desloca ao mesmo tempo por dois roteiros geográficos-literários: um pelo Brasil e outro pelo mundo. E o faz de diferentes formas. Uma, a mais óbvia, está na base mesma desta revista de tradução: fazer circular a literatura brasileira fora do Brasil. Outra, através dos autores escolhidos: um grupo de seis escritores paulistas que viajaram em 2013 a Buenos Aires para participar da FIL.

A ideia de movimento, de traslado, de viagem está operando como conceito primeiro e básico por trás da composição da revista. Quero sublinhar a ideia de viagem, de deslocamento e de conexões porque é uma das vias principais e mais ricas para abordar e pensar a literatura contemporânea brasileira. Também sua tradução. E não é casual. A ideia de circulação, de viagem conecta a ideia da tradução com as tendências atuais da literatura brasileira em geral que resumi anteriormente.

O percurso geográfico, a viagem, está apresentado desde o início: a mesma capa da revista traça uma viagem “Rio de Janeiro - São Paulo - Buenos Aires”, cidades onde foi planejada e feita a revista.

Como se trata de uma revista de tradutores, eles estão presentes através não só da seleção dos textos mas também como produtores de textos e entrevistados. As vozes dos autores e seus tradutores são as protagonistas da revista, e o tradutor é elevado à categoria de “autor”, fazendo visível seu trabalho de autoria e desfazendo a “invisibilidade” social e literária sobre a qual fala o teórico Lawrence (1995).

Quero descrever brevemente o primeiro número para dar conta do conceito que desenvolvi. Ele traz textos de seis autores brasileiros: Marçal Aquino, Andréa del Fuego, Paula Fábrio, Emilio Fraia, Juliana Frank e Marcelino Freire. Escolhi três autores que já estivessem publicados em espanhol e outros três que ainda não, seis estéticas muito diferentes, três homens e três mulheres, e também de idades muito diferentes. A revista poderia ser então uma ferramenta de circulação dos autores que o leitor poderia encontrar na livraria, e autores que o leitor e o editor ainda não conhecem. Dessa forma, dois objetivos e dois leitores diferentes são atingidos. A revista se pretende útil para os editores que quiserem conhecer mais sobre estes autores, e para os leitores que ainda não conheciam o que já estava publicado.

A ideia principal é que os autores despertem o interesse dos leitores. Por isso, e a partir das conversas com leitores e tradutores, decidi que a revista fosse bilíngue, pois a mesma língua portuguesa é um dos fatores de interesse dos leitores que leem literatura brasileira, mesmo não sabendo português. A “curiosidade”, como mencionei anteriormente, da literatura brasileira é dada, em parte, pela curiosidade e apreciação do português por parte dos hispano-falantes.

Por outro lado, o conceito de galeria se relaciona com a ideia de que o leitor “entre” no universo estético de cada autor. A diferença do livro na livraria, que está sozinho, e muitas vezes não convida à leitura, seja pela capa, ou pelo desconhecimento absoluto do autor e da literatura brasileira, a revista tem a possibilidade de “apresentar” melhor um autor e torná-lo acessível e interessante para o leitor. Através de entrevistas, trechos, contos, resenhas, inclusive documentários, cada autor da revista é apresentado de maneiras diferentes: entrevistas, artigos acadêmicos, resenhas, vídeos, diários, etc. Também os textos literários pertencem a diferentes gêneros (há contos, trechos de romances, “cantos” e uma quase novella). A ideia da revista é fazer uma “curadoria” dos textos de e sobre o autor, para oferecer um olhar sobre sua obra. É esse olhar o que vem faltando na divulgação da literatura, um recorte que não seja panorâmico, pois, como se viu, é muita a produção literária. Por outro lado, o trabalho com poucos autores sempre assegura uma maior qualidade na apresentação e no cuidado das traduções.

A revista se abre com Andréa del Fuego e *Os Malaquias*, romance que foi publicado por Edhasa, e que traduziram Teresa Arijón e Bárbara Belloc. A apresentação é a tradução de um “perfil literário” da autora, criado pelo jornalista Luiz Nadal. Marçal Aquino, de quem ano passado foi traduzido *Eu receberia as piores notícias de teus lindos lábios*, e publicado pela editora Oceano, entra nas galerias com o conto “A exata distância da vulva ao coração”, traduzido e apresentado pela professora Aileen El-Kadi, que está preparando uma antologia de autores brasileiros e da qual o conto faz parte. Desta maneira, a antologia, que está procurando ainda editora, teria uma chance de ser apresentada para possíveis interessados. De Paula Fábrio, ganhadora da última edição do Prêmio São Paulo, aparecem trechos do seu romance *Desnorteio*, traduzido por mim e apresentado por uma breve entrevista de outro escritor Rafael Gallo. De Emílio Fraia, que também ainda não foi publicado em espanhol, eu traduzi para a revista o conto “Carnaval” e, como apresentação ao seu universo, traduzi também um pequeno “diário” que ele escreveu durante os dias que estive em Buenos Aires. Desta maneira, é através do mesmo escritor que se faz a passagem entre as duas cidades. O mesmo acontece com Marcelino Freire, cujo livro *Contos negreiros* foi traduzido por Lucía Tennina. Na revista publico dos “cantos” do livro e um vídeo do diálogo que escritor e tradutora tiveram em Buenos Aires. Por último, aparece Juliana Frank e seu particular “jardim da infâmia”, em uma entrevista que fizemos juntas no Rio de Janeiro, é a apresentação do seu conto “Lavie na luz medonha”.

É importante destacar que o material textual entra em diálogo também com as fotografias, que são das cidades brasileiras das que tratam os autores: Rio, São Paulo e Buenos Aires. Elas foram feitas pelos fotógrafos Eduardo Montes-Bradley, Clara Tomasini e Julia Amenábar. Por outro lado, as imagens são também uma forma de mostrar um olhar sobre o Brasil, um olhar particular, de fora, mas longe do exotismo e o cartão postal. Ao mesmo tempo, elas vão desenhando caminhos, percursos. Os “Cadernos de tradução” são cadernos de viagem.

Por último, a revista traz uma seção com entrevistas a tradutores: três tradutores que tenham respondido o questionário que enviei são escolhidos por número em relação com os textos. Assim, neste número as tradutoras entrevistadas são as mesmas que traduziram os textos literários que aparecem no número. Desta maneira, a revista como um todo trabalha poucas vozes, mas as trabalha profundamente: o leitor conhecerá com certa profundidade os autores e seus tradutores.

A valorização do trabalho do tradutor talvez seja uma das dívidas pendentes que o século XXI provavelmente comece a saldar, e os meios digitais podem ajudar muito nessa tarefa. Muito tem por se fazer na área da edição e tradução de literatura brasileira. Muito também na pesquisa sobre tradução, que comecei a fazer nesses meses através da grande oportunidade que a FBN me deu.

As ideias e a inspiração de uma revista que ajude a pensar a tradução e a publicação da literatura brasileira em espanhol de uma forma diferente vêm dos vários agentes da indústria editorial, mas sobretudo dos tradutores, viajantes (fisicamente ou não, mas sempre viajantes), entusiastas que leem a literatura brasileira com seus olhos estrangeiros, sim, mas bastante livres dos preconceitos. São eles, ao meu modo de ver, os que podem fazer circular a literatura brasileira fora dos estereótipos que ainda são fortes nos países de língua espanhola. São eles os que desenham possíveis roteiros sobre o mapa latino-americano. E a sua melhor ferramenta é a criatividade, a imaginação e a audácia.

Espero que a revista possa cumprir com seus objetivos e ajude em um trabalho conjunto e conectado com o Programa de Apoio à Tradução e outros projetos para que a literatura brasileira tenha finalmente seus leitores em América Latina.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

Blog Perfis literários. [www.cachimdebolso.wordpress.com](http://www.cachimdebolso.wordpress.com). Acesso em 1 de junho de 2014.

Blog Centro Internacional do Livro <http://centrointernacionaldolivro.wordpress.com/> Acesso em 2 de junho de 2014.

BRIZUELA, Natalia. Entrevista Bernardo Carvalho. *Bomb 102*, Winter 2008. *Bombsite*. Acesso em 3 de junho de 2014.

CARNEIRO, Flávio. *No país do presente*. Rio de Janeiro: Rocco. 2005.

CELADA, Maite . *O espanhol para o brasileiro Uma língua singularmente estrangeira*. Data de defesa. Tese de Doutorado - UNICAMP. Campinas, 2002.

CHARTIER, Roger. “Escuchar a los muertos con los ojos”. Buenos Aires: Katz editores, 2008.

CHIARELLI, Stefania; DEALTRY, Giovanna; VIDAL, Paloma (orgs.) *O futuro pelo retrovisor*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

CUENCA, J.P. “A agente literária e o ornitorrinco” *Folha de São Paulo*. São Paulo, 9 de mar. De 2014.

DE ANDRADE TOSTA, Antonio Luciano. “The Hispanic and Luso-Brazilian World: Latino, eu? The paradoxical Interplay of Identity in Brazuca Literature” in *Hispania*, Vol. 8, No 3 (sep. 2004) pp.576-585

DE CASTRO ROCHA, JOÃO CÉZAR. *Exercícios críticos – Leituras do contemporâneo*. Argos, 2008.

LANDOW, George *Hypertext 3.0*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2006.

LISBOA, Adriana. *Rakushisha*. Rio de Janeiro: Rocco. 2007.

MANOVITCH, Lev. *The Language of New Media*. Cambridge: The MIT Press, 2002. *E-book*.

MARTINS, Marcia “O papel da patronagem na difusão da literatura brasileira: o Programa de Apoio à Tradução da Biblioteca Nacional”. *Literatura traduzida & literatura nacional*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vira e mexe nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

PIGLIA, Ricardo. Conferência “Romance e tradução.” Ciclo “Grandes conferências. 25 anos da Companhia das Letras.” Livraria Cultura. 26 sept 2011.

RABASSA, Gregory. *If this be Treason*. Nova Iorque: New Directions, 2005.

RESENDE, Beatriz (org). *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2014.

SÁ, Sergio. “A literatura em trânsito de Paloma Vidal” em RESENDE, Beatriz (org). *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2014.

SCRAMIM, Susana (org). *O contemporâneo na crítica literária*. São Paulo: Iluminuras, 2013.

Site Conexões Itaú Cultural. [www.conexoesitaucultural.org.br](http://www.conexoesitaucultural.org.br) Acesso em 3 de junho de 2014.

Site Dicionário de tradutores: [www.dicionariodetradutores.ufsc.br](http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br). Acesso em 1 de junho de 2014.

Site UNESCO Index translaticum. [http://portal.unesco.org/culture/en/ev.php-URL\\_ID=7810&URL\\_DO=DO\\_TOPIC&URL\\_SECTION=201.html](http://portal.unesco.org/culture/en/ev.php-URL_ID=7810&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html). Acesso em 2 de junho de 2014.

SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil*. Buenos Aires: Libros del zorzal, 2003.

VALLE, Gustavo. “El gigante despierto” *Jornal Perfil*. Buenos Aires, 15 dez de 2013.

VENUTI, Lawrence. *The Translator’s Invisibility*. London: Routledge, 1995.

VERTOVEC, Steven. *Transnationalism*. New York: Routledge, 2009.

VILLAS-BOAS, L. “Para quem escreve o autor local?” *Folha de São Paulo* São Paulo 23 de fev. de 2014.

## APÊNDICE

### LISTA DE TRADUTORES LITERARIOS PORTUGUÊS/ESPAÑHOL ENVOLVIDOS EM PROJETOS DE TRADUÇÃO DESDE O ANO 2000

	<b>NOME DO TRADUTOR</b>	<b>PAÍS</b>
1.	Adriana Amante	ARGENTINA
2.	Adriana Kanzepolsky	ARGENTINA
3.	Adriana Toledo de Almeida	ARGENTINA

4.	Aileen Elkadi	ARGENTINA
5.	Alba Escalante	VENEZUELA
6.	Alberto Jiménez Rioja	ESPAÑA
7.	Alberto Villalba	ESPAÑA
8.	Alejandra Esther Arias	ARGENTINA
9.	Alejandro Reyes	MÉXICO
10.	Àlex Tarradellas	ESPAÑA
11.	Alfonso Indecona	ESPAÑA
12.	Aline Pereira da Encarnação	ESPAÑA
13.	Amalia Sato	ARGENTINA
14.	Ana Belén Costas	ESPAÑA
15.	Ángel José Alonso Menéndez	ESPAÑA
16.	Aníbal Cristobo	ARGENTINA/ ESPAÑA
17.	Antelma Cisneros-Alvarado	MÉXICO
18.	Antom Fortes	ESPAÑA
19.	Antonio Alatorre	ESPAÑA
20.	Antonio Maura Barandiarán	ESPAÑA
21.	Armando Alzamora Flores	ESPAÑA
22.	Armando Escobar	MÉXICO
23.	Arturo Carrera	ARGENTINA
24.	Bárbara Belloc	ARGENTINA
25.	Bárbara Nayla Piñeiro Pessôa	BRASIL/ ARGENTINA
26.	Basilio Losada	ESPAÑA
27.	Beatriz Colombi	ARGENTINA
28.	Bertran Romero Sala	ESPAÑA
29.	Brenda Ríos	MÉXICO
30.	Carles Sans Climent	ESPAÑA
31.	Carlos Alberto López Márquez	MÉXICO
32.	Carlos López	MÉXICO
33.	Cecilia Pavón	ARGENTINA
34.	César Aira	ARGENTINA
35.	Claudia Solans	ARGENTINA
36.	Consuelo Rodríguez Muñoz	MÉXICO
37.	Cristian Di Nápoli	ARGENTINA

38.	Cristina Barros	ESPAÑA
39.	Cristina Hernández	MÉXICO
40.	Cristina Peri Rossi	URUGUAY
41.	Cristina Sáenz de Tejada	ESPAÑA
42.	Daniel G. de Souza	ESPAÑA
43.	Daniel Orizaga	MÉXICO
44.	Dante Hermo	ESPAÑA
45.	Deborah Jusmet	ESPAÑA
46.	Diana Catalina Hernández	COLÔMBIA
47.	Diana Klinger	ARGENTINA
48.	Edgardo Russo	ARGENTINA
49.	Eduardo Santillán Marcus	ARGENTINA
50.	Elena Losada	ESPAÑA
51.	Elkin Obregón Sanín	COLÔMBIA
52.	Enrique García-Máiquez	ESPAÑA
53.	Estela Dos Santos	ARGENTINA
54.	Ezequiel Bajder	ARGENTINA
55.	Florencia Garramuño	ARGENTINA
56.	Gonzalo Aguilar	ARGENTINA
57.	Graciela Ferraris	ARGENTINA
58.	Guillermo Saavedra	ARGENTINA
59.	Heber Raviolo (†)	URUGUAY
60.	Héctor Bardanca	URUGUAY
61.	Héctor Olea	MÉXICO
62.	Irene Vasco	COLÔMBIA
63.	Isabel Soler	ESPAÑA
64.	Isabel Soto	ESPAÑA
65.	Javier Coca	ESPAÑA
66.	John O' Kuinghttons	CHILE
67.	José Ángel Cilleruelo	ESPAÑA
68.	José Francisco Navarro	ESPAÑA
69.	José Luis Molina Robles	?
70.	José Luis Sansáns Zapata	ESPAÑA
71.	José María Villalvilla	ESPAÑA

72.	Juan García Gayo	ESPAÑA
73.	Juan Martín Ruiz	ESPAÑA
74.	Juan Pablo Villalobos	MÉXICO
75.	Juan Sebastián Cárdenas	COLÔMBIA
76.	Juan Terranova	ARGENTINA
77.	Juana María Inarejos Ortiz	ESPAÑA
78.	Julia Tomasini	ARGENTINA
79.	Julio Gómez de la Serna	ESPAÑA
80.	Karmele Setien	ESPAÑA
81.	Leopoldo Brizuela	ARGENTINA
82.	Lígia Chiappini de Moraes Leite	URUGUAY
83.	Livia Almendary	ARGENTINA
84.	Lola Núñez Flores	ESPAÑA
85.	Lourdes Hernández Fuentes	MÉXICO
86.	Lucía Tennina	ARGENTINA
87.	Luciana Di Leone	ARGENTINA
88.	Luis Aguilar Martinez	MÉXICO
89.	M Carmen Ferriz	ESPAÑA
90.	Malu Barnuevo	ESPAÑA
91.	Manuel Manzano	ESPAÑA
92.	María Auxilio Salado	MÉXICO
93.	María Cristina Hernández Escobar	MÉXICO
94.	María del Consuelo Rodríguez Muñoz	MÉXICO
95.	María Tecla Portela Carreiro	ESPAÑA
96.	María Teresa Atrián Pineda	MÉXICO
97.	María Teresa Villares	ARGENTINA
98.	Maria Valentina Fraiz Grijalba Salaza	VENEZUELA
99.	Mario Cámara	ARGENTINA
100.	Marta Spagnuolo	ARGENTINA
101.	Martha Patricia Reveles	MÉXICO
102.	Martín Caamaño	ARGENTINA
103.	Martín Palacio	URUGUAY
104.	Martins y Casillas	ESPAÑA
105.	Mercedes Vaquero	ESPAÑA

106.	Miriam López Moura	ESPAÑA
107.	Mónica Bueno	ARGENTINA
108.	Mónica Ploese	ARGENTINA
109.	Montserrat Mirra	ESPAÑA
110.	Natalio Mazar	ARGENTINA
111.	Odile Cisneros	MÉXICO
112.	P. Rozarena	ESPAÑA
113.	Pablo del Barco	ESPAÑA
114.	Pablo Rocca	URUGUAY
115.	Pablo Sotellino	URUGUAY
116.	Paloma Vidal	ARGENTINA/BRASIL
117.	Paula Abramo	MÉXICO
118.	Pere Comellas-Casanova	ESPAÑA
119.	Rafael Eduardo Gutiérrez Giraldo	COLÔMBIA
120.	Raquel R. Aguilera	ESPAÑA
121.	Raúl Rodríguez Freire	CHILE
122.	Raúl Santana	ARGENTINA
123.	Regina Crespo	MÉXICO
124.	Reynaldo Jiménez	ARGENTINA
125.	Ricardo Gines	?
126.	Ricardo Ruiz	ARGENTINA
127.	Rita da Costa García	ESPAÑA
128.	Rodolfo Alonso	ARGENTINA
129.	Rodolfo Alpízar Castillo	CUBA
130.	Rodolfo Mata	MÉXICO
131.	Rodrigo Labriola	ARGENTINA
132.	Romero Tello	MÉXICO
133.	Rosa Corgatelli	ARGENTINA
134.	Rosario Hubert	ARGENTINA
135.	Rosario Lázaro	URUGUAY
136.	Roser Vilagrassa	ESPAÑA
137.	Roxana Inés Calvo	ARGENTINA
138.	Sandra Màrcia Pereira	ESPAÑA
139.	Santiago Celaya	ESPAÑA

140.	Santiago Kovadloff	ARGENTINA
141.	Sergio Colina	ESPANHA
142.	Sulemi Bermúdez	MÉXICO
143.	Teresa Arijón	ARGENTINA
144.	Víctor David López	ESPANHA
145.	Victor Sosa	URUGUAY
146.	Walquiria Wey	MÉXICO
147.	Xosé Antón Fortes Torres	ESPANHA